



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MAIO 2009 - N° 225

A CONFORMAÇÃO COM CRISTO CRUCIFICADO

Pe. Nello Dalle Vedove

17 – PROPOSTA A UM AMIGO: MORAR NAS CHAGAS DO CRUCIFICADO.

Pe. Gaspar escreveu ao filho predileto, que pelo ministério de confessor da Imperatriz se encontrava na suntuosa corte de Viena: “Lembra-te continuamente pela honra de Deus, vosso Soberano, que quanto maior és, tanto mais deves buscar ser simples em tudo (Cf. Eclo 3, 20). E se não podes estar numa casa pobre com o corpo, esteja com o espírito nas fendas do rochedo (Cf. Ct 2, 14), nas Chagas do nosso amável e humílimo Salvador, nas quais te deixo com um abraço do fundo do coração”. O refúgio habitual de Pe. Luiz Bragato deveria ser as Chagas dolorosas e sangrentas de Jesus.

São Gaspar sugeriu ainda ao filho, pressionado pelo luxo da corte: “Quando precisares de um pouco de alegria, voe com o pensamento ao quarto de Pe. Miguel. Tenha sempre as asas prontas para chegar ao nosso Deus e às Chagas gloriosas do teu Salvador.”

A glória fascina. Por isso, Pe. Gaspar ensinava: “Comece por Cristo e sua Paixão; depois deixe livre o espírito para o que Deus o atrair.”

No sábado, 26 de setembro de 1840, Pe. Gaspar escreveu a Pe. Bragato: “Nós vamos vivendo segundo a medida da graça que Deus nos concedeu. Desconfiados de nós mesmos, confiemos nele, pois é uma confiança segura. É necessário pôr a confiança no Senhor Deus (Cf. Sl 72, 28). E pelas tribulações esperamos firmemente ter acesso à sua glória, para a qual está voltado continuamente o nosso coração, que não terá descanso se não repousar em Deus.”

No post scriptum acrescentou: “Comunico-lhe que de segunda-feira para cá eu prego todo dia, em casa, no oratório novo (da Transfiguração) depois das matinas”.

Ao examinar as exortações domésticas de São Gaspar daquela semana seus escritos fazem considerações sobre a paciência. Estavam em sintonia com o que Pe. Carlos Fedelini tratava nos sermões da sexta-feira.

Aos 18 de setembro de 1840 o jovem orador assim pregou: “Nós desejamos ser instruídos pelo nosso Mestre Jesus Cristo. Ei-lo sobre a cruz, cátedra docente. Jesus há tanto tempo nos ensina e nós não aprendemos. As crianças aprendem logo o que os professores ensinam. Porventura serão tão difíceis os ensinamentos da cruz?” Na sexta-feira, 25 de setembro, aconselhou aos fiéis o exercício da caridade, da oração, da obediência, sem dar ouvidos aos inimigos da alma, que incomodam apresentando interesses secundário para atrapalhar os essenciais.

“Ah! O que faremos? Reza aos pés de Jesus, adorando suas Chagas abertas para a nossa salvação.” Havia alguns anos que Pe. Fedelini convidava semanalmente os ouvintes a se postar aos pés do crucifixo. Antes dele o convite fora feito pelo próprio Pe. Bertoni.

A seguir, trechos da pregação de Pe. Gaspar.

“Sede imitadores de Deus, como filhos caríssimos (Cf. Ef 5, 1). Para chegar a este ponto, Deus nos propõe a imitação de seu Filho feito homem, humilhado, maltratado, depois exaltado e glorificado.”

“Pela Cruz nos tornamos semelhantes ao Filho de Deus e a Cristo Crucificado, o que é grande dignidade, porque como somos semelhantes a Cristo nas tribulações, o seremos também na felicidade.”

“Pela esperança somos salvos (Cf. Rm 8,24). Temos a esperança de que em breve seremos livres de toda labuta; esta esperança sustenta nosso ânimo para suportar a tribulação.”

Jesus predisse aos Apóstolos sua futura paixão “para que eles compreendessem quanto ele a prezava, repensando suas amarguras, bebendo sem jamais cessar o cálice do sofrimento.” “Tudo leva a crer que quando comia e bebia, quando pregava e discutia, quando fazia milagres e prodígios, vivesse a memória da Paixão”. “Em sua gloriosa Transfiguração falou dela, embora fosse muito amarga.”

Ao final de sua pregação, Pe. Gaspar, sustentado por seus filhos, voltava ao quarto de eremita, onde o Crucificado, de uma parede parecia acolhê-lo no coração com seus braços abertos.

Assim se expressou seu discípulo, Pe. Carlos Fedelini, aos 02 de outubro de 1840, falando aos devotos da sexta-feira: “Por acaso não vos consolaram doces palavras e meigas inspirações, quando viestes aos pés deste crucifixo com a amargura no coração, ou fustigados pela tentação e pela tribulação? Não é verdade que ele é a fonte de toda doçura? Que alegria vê-lo com os braços abertos no ato de acolher-vos! Que maravilha ver aberto o seu coração mostrando que a todos quer receber! Que consolação ver sua frente inclinada, procurando indicar-nos o paraíso!”

18 – SEXTA-FEIRA: RELEMBRAR O CRUCIFIXO.

São Gaspar aos 28 de janeiro de 1823 havia obtido do Papa Pio VII, para as funções em honra das Santas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, indulgência plenária para a primeira sexta-feira de cada mês e indulgência parcial de 300 dias para todas as outras sextas-feiras. Estas concessões foram depois limitadas no tempo de Pio VIII.

Em abril de 1844 Pe. Bertoni, por intermédio de seu primo, Pe. Francisco Ravelli, que se encontrava no noviciado dos Jesuítas em Roma, enviou ao Papa Gregório XVI um pedido. Neste, depois de haver descrito o piedoso Exercício que se fazia há 22 anos toda sexta-feira na igreja dos Estigmas em Verona, escreveu: “Embora a Santa Sé tenha concedido algumas indulgências aos fiéis cristãos que tomam parte em as tais orações, a fim de que a piedade para com a Paixão do Senhor Nosso Jesus Cristo seja mais incentivada e a presença dos fiéis aumente mais, o Orador suplica a Vossa Santidade conceder que os fiéis cristãos de ambos os sexos, na primeira sexta-feira de cada mês e na sexta-feira depois do terceiro domingo da Quaresma (Festa das Cinco Chagas) possam conseguir Indulgência e Remissão plenária dos seus pecados. Outrossim, suplica que em todas as sextas-feiras do ano – contanto que se tenha tomado parte na adoração das Cinco Chagas depois da pregação – os fiéis possam lucrar indulgência de sete anos.”

Ainda que Pe. Bertoni não tivesse conseguido tudo o que pedia, mostrou muito claramente como lhe era querida a função da sexta-feira, feita para aumentar nos fiéis a devoção à Paixão, que percebia esfriar em tantos cristãos. Temia não tanto a cruz profanada, mas a cruz desaparecida dos corações dos fiéis. No ano seguinte, mesmo com o estorvo provocado pela reforma do teto e da fachada, Pe. Carlos Fedelini escreveu em sua Memória: “No ano de 1845 a Festa das Cinco Chagas – sexta-feira depois do terceiro domingo da Quaresma – foi um pouco mais solenizada do que de costume. Abriu-se a igreja com as primeiras vésperas. Enfeitou-se o altar da melhor maneira que se pôde. Acenderam-se mais lâmpadas. Boa parte da pregação foi sobre as Cinco Chagas.”

Desde 1838 o pregador da sexta-feira era o próprio Pe. Fedelini, que certamente comentou também naquele dia, como o fazia comumente, um versículo do Eclesiástico com muitas referências à Festa das Cinco Chagas.

(continua)